



Ana Filipa Moutinho Pinto

**Psicopatia, Estatuto social e Comportamentos Antissociais numa amostra da  
comunidade**

Trabalho realizado sob orientação da

**Professora Doutora Olga Cunha**

Fevereiro de 2023





**Ana Filipa Moutinho Pinto**

**Psicopatia, Estatuto social e Comportamentos  
Antissociais numa amostra da comunidade**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto  
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime  
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto  
No dia 03/02/2023, perante o júri seguinte:

**Presidente:** Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes

**Arguente:** Professora Doutora Ana Rita Conde Dias

**Orientadora:** Professora Doutora Olga Cecília Soares da Cunha

**fevereiro 2023**

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais, Eugénia e Paulo, pelo apoio incondicional, pela compreensão e pelo orgulho que me transmitem. Por toda a dedicação e por serem a minha maior fonte de inspiração e motivação. Obrigada por me incentivarem a ser melhor todos os dias e por tornarem todos os meus sonhos possíveis.

Agradeço à minha família por serem presentes.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Olga Cunha, pela disponibilidade, compreensão e por todos os ensinamentos. Será sempre um modelo de inspiração na minha (futura) vida profissional.

Agradeço aos meus e minhas restantes professores e professoras pelo conhecimento transmitido e pela disponibilidade.

Ao Dr. João Silva, o meu orientador de estágio, por todo o apoio prestado e pelo papel significativo que teve para a finalização desta etapa.

Agradeço aos meus amigos que me acompanham desde o primeiro dia, por toda a paciência e por acrescentarem tanto em mim e na minha vida. Obrigada por fazerem parte desta caminhada que agora, muitos de nós, finalizamos.

Ao Eduardo por tornar tudo tão leve e por ser a minha base segura. Obrigada por tornares tudo mais fácil, por toda a compreensão e paciência.

A tod@s vocês que fizeram parte deste processo e desta caminhada, muito obrigada!

## Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar as diferentes facetas da psicopatia e os comportamentos antissociais numa amostra da comunidade e a sua relação com o estatuto socioeconómico e a qualificação profissional. A amostra deste estudo foi constituída por 1.046 participantes, sendo a maioria do género feminino (78.4%) e com idades compreendidas entre os 18 e os 94 anos ( $M = 24.9$ ;  $DP = 8.32$ ).

Relativamente aos construtos descritivos alvo de estudo, a amostra foi composta, predominantemente, por indivíduos do estatuto socioeconómico médio (44.5%) e com profissões mais qualificadas (50.1%). A recolha de dados decorreu em formato *on-line* e foram utilizados instrumentos que permitiram avaliar os construtos em estudo, nomeadamente o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Autoavaliação da Psicopatia – Versão Breve, o D-CRIM e a Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5. Os resultados permitiram mostrar que a faceta estilo de vida demonstrou uma média significativamente superior ( $M = 2.84$ ;  $DP = .53$ ) quando comparada com às restantes facetas, encontrando-se também, diferenças significativas entre as diferentes facetas da psicopatia. Além disso, verificou-se que a soma total das facetas da psicopatia era significativamente superior quando comparada a outras amostras comunitárias. Verificou-se ainda que os comportamentos antissociais violentos ( $n = 345$ ) foram os mais prevalentes nesta amostra comparativamente aos comportamentos antissociais não violentos ( $n = 311$ ). Neste estudo, observou-se ainda uma relação significativa entre a psicopatia e os comportamentos antissociais. Através das análises de variâncias, conclui-se que indivíduos com profissões menos qualificadas demonstraram *scores* mais elevados na faceta interpessoal, faceta afetiva e faceta estilo de vida comparativamente às profissões mais qualificadas onde a faceta com *scores* mais elevados foi a faceta antissocial.

Por fim, verificou-se que os níveis de psicopatia não variam em função do estatuto socioeconómico.

Em conclusão, sugerimos que estes construtos continuem a ser estudados em amostras comunitárias nos diferentes contextos culturais.

Palavras-chave: Psicopatia, Comportamentos Antissociais, Estatuto social, Comunidade, Psicopata Bem-sucedido.

## **Abstract**

The present study aimed to analyze the different facets of psychopathy and the antisocial behaviors in a community sample and its relationship with socioeconomic status and professional qualification.

The sample of this study consisted of 1.046 participants, the majority female (78.4%) and aged between 18 and 94 years ( $M = 24.9$ ;  $SD = 8.32$ ). Regarding the descriptive constructs that were the subject of the study, the sample was predominantly composed of individuals of medium socioeconomic status (44.5%) and with qualified professions (50.1%). Data were collected online and the instruments used allowed the assessment of the constructs under study, namely the Sociodemographic Questionnaire, the Psychopathy Self-Assessment Scale-Brief Version, the D-CRIM and the Socially Desirable Response Scale-5. Results showed that the psychopathy lifestyle facet revealed a significantly higher score ( $M = 2.84$ ;  $SD = .53$ ) when compared to the other facets. Furthermore, we found that the total scores of psychopathy facets were significantly higher when compared to other community samples. In this study, it was also found significant differences between the facets of psychopathy. It was found that violent antisocial behaviors ( $n = 345$ ) were the most prevalent in this sample compared to non-violent antisocial behaviors ( $n = 311$ ). We also found that there is a significant relationship between psychopathy and antisocial behavior. Through the analysis of variances, it was concluded that individuals with less qualified professions showed higher scores in the interpersonal facet, affective facet and lifestyle facet compared to more qualified professions where the facet with higher scores was the antisocial facet.

Finally, levels of psychopathy do not vary according to socioeconomic status.

In conclusion, we suggest that these constructs continue to be studied in community samples in different cultural contexts.

*Keywords:* Psychopathy, Antisocial Behavior, Social status, Community, Successful Psychopath

**Lista de abreviaturas**

DSM-5 - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5*

SRP-SF - *Self-Report Psychopathy-Short Form*

ERSD - Escala de Respostas Socialmente Desejáveis

PCL-R - *Psychopathy Checklist-Revised*

SPSS - *Statistical Package for the Social Science*

*M* - Média

*DP* - Desvio-Padrão

*n* - Tamanho da amostra

*F* - Variância estatística

*p* - Valor de significância estatística

$\alpha$  - Alfa de Cronbach

*r* - Correlação de Pearson

## Índice

1. Introdução .....	11
1.1. Psicopatia e Comportamento Antissocial .....	11
2. Psicopata Bem-Sucedido.....	15
3. Psicopatia, Estatuto social e Ocupação profissional .....	16
4. Método .....	19
4.1. Amostra.....	19
4.2. Medidas.....	21
4.3. Procedimentos.....	23
4.4. Análise de dados .....	23
5. Resultados .....	24
6. Discussão dos resultados.....	30

## **Índice de tabelas**

**Tabela 1.** Características sociodemográficas da amostra

**Tabela 2.** Dados descritivos referentes à média da soma dos instrumentos SRP-SF e ERSD

**Tabela 3.** Dados descritivos referentes à média de respostas

**Tabela 4.** Dados descritivos dos comportamentos antissociais

**Tabela 5.** Análise de variâncias entre as Facetas da Psicopatia e a qualificação profissional

**Tabela 6.** Análise de variâncias entre as Facetas da Psicopatia e o Estatuto Socioeconómico

**Tabela 7.** Efeitos de interação entre a qualificação profissional e o estatuto socioeconómico

## 1. Introdução

### 1.1. Psicopatia e Comportamento Antissocial

Os conceitos de psicopatia e comportamento antissocial são, desde sempre, discutidos na comunidade científica, contudo, devido à complexidade destes construtos, a sua definição continua a ser alvo de debate. (Bronchain et al., 2019). A psicopatia não se encontra formalmente descrita no DSM-5 (Persson, 2019) porém, é reconhecida como uma das perturbações mais antigas (Ogloff, 2006 como citado em Boduszek, 2021). Posto isto, este construto apresenta uma longa história na ciência (Hare & Neumann, 2008), tendo iniciado uma longa viragem após a publicação do livro “Mask of Sanity” de Hervey Cleckley em 1941. Nesta obra a psicopatia foi, pela primeira vez, descrita como podendo ser funcional e sem qualquer tipo de envolvimento em comportamentos antissociais (Rahman, 2012). Esta literatura tornou-se clássica e crucial para a continuidade dos estudos acerca da psicopatia e, conseqüentemente, dos comportamentos antissociais.

É necessário compreender a ligação entre psicopatia e comportamento antissocial, podendo haver diversas leituras quanto à sua correlação ou o significado da mesma. Vários estudos consideram a psicopatia um preditor quase imprescindível no comportamento criminal e também do comportamento violento (Cunha & Gonçalves, 2021). Sendo assim, e indo de encontro a outros estudos, existirá uma maior prevalência da psicopatia em populações forenses devido ao cometimento de crimes, prevalecendo, assim, a faceta dos comportamentos antissociais, segundo a teoria de Robert D. Hare. Por outro lado, e tal como a literatura comprova, não deverá existir uma interpretação determinista entre a perpetração de crimes e a presença de características psicopáticas, sendo assim, “uma parte integral da psicopatia é a emergência precoce e persistente de um padrão de comportamentos problemáticos” (Hare & Neumann, 2005, p.58 como citado em Hare et al., 2010 p. 447). Tendo isto em conta, devemos compreender que a existência de comportamentos problemáticos não é um sinónimo de comportamentos criminosos, uma vez que o indivíduo pode apresentar-se com uma conduta comportamental meramente incumpridora de padrões éticos mas não de padrões considerados ilegais e/ou criminosos (Hare, 1993). Em suma, é possível verificar que a psicopatia poderá ser preditora do cometimento de crimes, principalmente com violência, mas esta ideia não deverá ser generalizada a todas as amostras e populações.

Podemos verificar uma vasta quantidade de estudos que permitem obter várias respostas quanto à definição e avaliação destes construtos, porém, não existe uma definição única, consensual e estática. Apesar disso, um dos estudos mais eminentes da psicopatia foi o de Robert D. Hare, defendendo que a psicopatia deverá ter uma “leitura multifacetada na sua expressão e etiologia apesar de ser possível verificar a alta inter-relação entre os fatores” (Neumann et al., 2014 p.11). Assim sendo, resulta da combinação de facetas específicas, desenvolvidas na Escala de Psicopatia Revista (PCL-R) que, até aos dias de hoje, tende a ser o instrumento mais utilizado para avaliar a psicopatia (Seara-Cardoso et al., 2020). Estas facetas integram a Faceta Interpessoal que inclui características como a loquacidade/charme superficial, grandioso senso de autoestima, mentira patológica e o estilo manipulativo, a Faceta Afetiva, que agrega a falta de remorso ou culpa, superficialidade afetiva, falta de empatia e falta de sentido de responsabilidade, a Faceta Estilo de Vida, constituída pela necessidade de estimulação/tendência para o tédio, estilo de vida parasita, ausência de objetivos realistas a longo prazo, impulsividade e irresponsabilidade, e, por último, a Faceta Antissocial constituída pela delinquência juvenil, versatilidade criminal, problemas de comportamento precoce e revogação de medidas alternativas ou flexibilizadas de pena de prisão (Hare, 2021). Os estudos do autor não permaneceram estáticos e, por isso, a formulação inicial integrava a faceta clínica e a antissocial, tendo sido, mais tarde, divididas nas quatro facetas atualmente estudadas.

A versão atual deste instrumento conta com 20 itens, pontuados numa escala de 0 a 40 pontos que permite avaliar o grau de psicopatia e é cotada com base numa entrevista semiestruturada e em dados constantes dos processos individuais dos indivíduos (Hare, 1991; Gonçalves & Cunha, 2017). Além deste instrumento de extrema importância, foi possível desenvolver escalas de autorrelato precisas e rápidas para medir as Facetas da psicopatia na comunidade (Neal & Sellbom, 2012). Entre elas, a Escala de Autoavaliação da Psicopatia – Versão Breve (Seara-Cardoso et al., 2020) que será utilizada no presente estudo. Este instrumento parte do trabalho desenvolvido na PCL-R, sendo que os itens avaliados são baseados no modelo dos quatro fatores e é composto por 29 itens, constituindo-se como a versão breve do instrumento original composto por 64 itens (Seara-Cardoso et al., 2020).

Apesar do contínuo interesse no estudo da psicopatia e dos comportamentos antissociais ser cada vez mais elevado, a investigação tende a estudar e avaliar estes

construtos, maioritariamente, na população prisional e forense. Não obstante ao papel crucial do estudo da psicopatia nestas amostras, também é necessário compreender e estudar a eventual existência de indivíduos com traços psicopáticos que se encontram inseridos na sociedade, uma vez que, a investigação estima que exista uma prevalência entre 0.3-2% de psicopatia na comunidade (Patrick & Drislane, 2015 como citado em Boduszek et al., 2021).

Um dos estudos pioneiros que analisou a psicopatia numa amostra da comunidade foi a investigação de Widom em 1977. Uma vez que o estudo da psicopatia se mantinha restrito à população prisional, não era possível entender a sua extensão e prevalência na população em geral (Widom, 1977). Para este estudo, foi recolhida uma amostra através de um anúncio de jornal que recrutava indivíduos com características consideradas psicopáticas: “pessoas charmosas, sem preocupações, impulsivamente irresponsáveis, mas com habilidade para lidar com pessoas e ambição para chegar ao topo” (Widom, 1977). Depois da seleção da amostra, foram contabilizados 28 participantes e foi concluído que existem várias componentes comuns entre os indivíduos, sendo elas, o abuso de álcool, o abuso de substâncias e o comportamento persistente, sendo que, estes indivíduos já teriam sido presos pelo menos uma vez na vida (DeMatteo et al., 2006). Apesar desta investigação ser reconhecido como uma das pioneiras do estudo da psicopatia em amostras na comunidade, devemos ter em conta que o método utilizado poderá não ter sido suficientemente válido e estruturado. Podemos considerar que o estudo potenciou um novo interesse científico e permitiu que fossem elaborados novos instrumentos e mais robustos, tal como os referidos acima.

Mais tarde, o estudo de DeMatteo et al., (2006) numa amostra comunitária permitiu o recrutamento de 54 indivíduos que indicaram níveis de psicopatia na PCL-R, mesmo quando comparados e correlacionados com amostras psiquiátricas forenses (DeMatteo et al., 2006). Os resultados mais significativos contavam com défices relativos às características subclínicas e não aos comportamentos antissociais, suportando, mais uma vez, que uma grande parte destes indivíduos, apesar da obtenção de um *score* elevado na PCL-R, nunca se encontrou envolvido em nenhum ato criminal. Sendo assim, e como resultado final, cerca de 40% desta amostra não tem qualquer envolvimento com o sistema de justiça apesar de ter uma pontuação elevada na avaliação da psicopatia. (DeMatteo et al., 2006).

Apesar das investigações que, efetivamente, confirmam que um indivíduo com características psicopáticas poderá não cometer crimes ou ter qualquer ligação ao sistema de justiça, continua a ser inevitável a imagem sensacionalista que os media e o cinema tendem a adotar quando retratam a psicopatia, sendo na maioria das vezes representada pela prática de crimes macabros e os indivíduos “estereotipados como assassinos em série, assediadores, agressores sexuais de sangue frio, vigaristas ou manipulando o vilão” (Babilak & Hare, 2006 p. 17). Apesar dessa imagem não ser inteiramente falsa, uma vez que existe investigação que confirma que o cometimento de crimes e pontuações altas de Psicopatia podem, eventualmente, significar uma maior intensidade do crime e risco de reincidência, é necessário transmitir imagens a todos os níveis.

O estudo de Leistedt e Linkowski (2014) também permitiu tirar conclusões semelhantes através da identificação de 126 psicopatas fictícios, retratados pelo cinema e/ou pelos media, onde prevaleciam características como o “masoquismo, impressibilidade, depravação sexual, envolvimento em crimes e assassinatos, instabilidade emocional, comportamentos bizarros e tiques faciais” (Leistedt & Linkowski, 2014 p.2), comprovando a imagem extrema transmitida ao público que, conseqüentemente, se influenciará por esta imagem e neutralizará outras hipóteses do que poderá ser um indivíduo com características psicopáticas. Outra ideia que se encontra evidenciada e generalizada é a representação dos géneros neste meio, sendo que, neste mesmo estudo, apenas foram encontradas 21 representações femininas comparativamente a 105 representações masculinas (Leistedt & Linkowski, 2014). Posto isto, foi possível concluir que a grande parte destas representações trata-se de perturbações relacionadas com o psicoticismo e não com a psicopatia (Leistedt & Linkowski, 2014). Por psicoticismo, segundo Almiro & Simões (2021), entendemos como sendo uma das dimensões da personalidade caracterizada pela hostilidade, egocentrismo, impulsividade, pouca empatia, agressividade, entre outras características.

Outra representação que é evidente no meio jornalístico e cinemático é a ideia de que todos os indivíduos com características psicopáticas apresentam um nível de inteligência excecional, sendo que existem evidências que comprovam que os mesmos podem não ser inequivocamente persistentes e inteligentes (Polaschek, 2015).

Tal como referido acima, a psicopatia poderá ser relevante no que consta à gravidade do crime cometido mas esta não deve ser um fator determinante para a

prática de crime, uma vez que poderão existir indivíduos com características psicopáticas que nunca cometeram qualquer crime e se encontram adaptados e inseridos na sociedade.

## 2. Psicopata Bem-Sucedido

O conceito de “Psicopata Bem-Sucedido” ou, em muitas investigações, a Psicopatia adaptativa, tende a ter uma leitura variável devido à falta de consenso relativa ao que poderá ser ou não considerado “sucesso” sendo este termo, subjetivo (Persson et al., 2019).

De forma a conhecer a origem do termo da forma mais precisa possível, foram desenvolvidos três modelos, sendo eles: o Modelo Diferencial de Severidade (*Differential-Severity Model*), que propõe a psicopatia enquanto um construto unitário que apenas difere na sua intensidade e, dessa forma, determinará o que poderá ser um psicopata bem ou mal sucedido; o Modelo da Expressão moderada (*Moderated-expression Model*), que teoriza a psicopatia bem-sucedida enquanto manifestação excecional mediada por fatores de proteção e vivências positivas; e o Modelo da Configuração Diferencial (*Differential Configuration Model*), que sugere a psicopatia enquanto fusão de diferentes características e traços de personalidade, não unitária e é através desses traços que é feita a distinção entre o Psicopata bem-sucedido e o mal-sucedido (Lilienfeld et al., 2015).

Posto isto, devemos considerar que o psicopata bem-sucedido poderá ser um indivíduo adaptado à sociedade mediante o estatuto social alcançado, sendo associado ao funcionamento social adaptativo (Bronchain et al., 2019).

Podemos também verificar que, tal como referido acima, indivíduos com características psicopáticas não reportam, necessariamente e de forma determinista, o cometimento de crimes e, sendo assim, algumas características poderão ser adaptativas dentro do contexto do indivíduo. (Mededovic et al., 2018). Algumas características como o egocentrismo, insensibilidade, manipulação e pobre controlo dos impulsos são, consensualmente, consideradas passíveis de ajustamento ou adaptativas para o indivíduo. (Bronchain et al., 2019). Desta forma, é necessário compreender a existência e a forma como a psicopatia se manifesta nestes indivíduos.

A outra leitura que poderá ser feita acerca deste termo é que poderá ser um indivíduo que pontua alto em instrumentos que medem a psicopatia, incluindo na faceta antissocial, mas utiliza estratégias consideradas adaptativas para que nunca seja legalmente punido.

Apesar de tudo, devemos ter em consideração que o “psicopata bem-sucedido” poderá ter, perante si, um conjunto de fatores protetores que o psicopata institucionalizado poderá não ter, como por exemplo, o acesso a oportunidades educacionais privilegiadas, um estatuto socioeconómico elevado e um controlo de impulsos adequado (Mehmet et al., 2008).

### **3. Psicopatia, Estatuto social e Ocupação profissional**

O estatuto social poderá incluir diferentes tipos de matérias, como por exemplo o salário, a ocupação profissional e o nível académico (Austin & Allan, 2019). Quando se trata de um estatuto social mais elevado é previsto que o indivíduo tenha uma ocupação profissional mais privilegiada (e.g., cargos de liderança), um salário mais alto e um nível académico mais qualificado. Tendo em conta esta definição, torna-se crucial compreender a forma como estas variáveis se encontram interligadas à psicopatia e a forma como as mesmas se manifestam nas suas facetas.

Segundo Robert Hare (1993), uma grande parte da investigação que estuda as diferentes características e facetas da psicopatia não tem em conta o estatuto socioeconómico dos indivíduos. Algo que, para o autor, tornaria os estudos mais concisos e claros. Em alternativa e de forma a sofisticar a investigação, foram desenvolvidos estudos tendo em conta uma análise aprofundada entre a psicopatia, a ocupação profissional e o estatuto socioeconómico.

Apesar dos resultados diferirem entre as investigações, existem estudos que confirmam a presença de certos traços psicopáticos como adaptativos para a ocupação profissional de cada indivíduo, como por exemplo o charme superficial e a falta de empatia, os quais podem ser considerados úteis para a tomada de decisões rigorosas no mundo dos negócios ou no mundo da política. (Boccio & Beaver, 2018). Apesar destas características poderem ser consideradas positivas em determinado contexto que beneficia o próprio indivíduo, podem ser negativas para terceiros sendo que, alguns dos comportamentos visíveis em líderes que ocupam um estatuto social elevado, integram a ridicularização e degradação dos funcionários, mentiras, culpabilização dos outros

pelos próprios erros, agressão física e assédio (Mathieu et al., 2014). Além disso, estas características também podem “prejudicar corporações, a economia e o planeta” (Sutton et al., 2020 p.1).

Mathieu et al., (2014) reporta os resultados de um estudo de Neumann e Hare (2010), onde é verificada uma grande prevalência de psicopatia em gestores de “alto nível” quando comparada à prevalência da psicopatia em amostras da comunidade.

Outros estudos levam-nos a confirmar que as características psicopáticas poderão não estar diretamente e/ou determinadamente correlacionadas com o cometimento de crimes ou atividades ilícitas/ilegais, mas sim com comportamentos desviantes (Sutton et al., 2020). Porém, podemos verificar que estes indivíduos poderão “tomar riscos que nem o mundo criminal ordinário, tomaria” (Federman et al., 2009).

Quando se trata do cometimento de crimes, existe várias atividades ilegais que se correlacionam com um estatuto socioeconómico e social mais elevado. Os crimes de colarinho branco como fraude, corrupção e violações da confiança do público são significativamente prevalentes nesta amostra (Babiak et al., 2010).

Segundo Babiak e Hare (2006), o número e intensidade das características psicopáticas poderá ser variável mediante o cargo ocupado (e.g., político, polícia, segurança, advogado, entre outros). Além disso, é importante considerar o estudo de Babiak et al., (2010), que, após analisar os níveis de psicopatia numa amostra de 203 profissionais de corporações, concluíram que os *scores* eram superiores do que numa amostra comunitária e positivamente relacionados com o carisma nomeadamente, com as habilidades comunicativas e estratégicas (Hare et al., 2010).

A importância de dar continuidade ao estudo da psicopatia em amostras da comunidade continua notável. Para isso é necessário alastrar a investigação a diversas culturas, uma vez que a maioria dos estudos se foca na América do Norte e não são conhecidos estudos que comparam os resultados provenientes entre culturas e países (Fanti et al., 2018 como citado em Seara-Cardoso et al., 2020). Posto isto, consideramos que esta investigação é inovadora porque poderá contribuir para o desenvolvimento de novos estudos que se encontram escassos, nomeadamente, a nível nacional. Tal como já foi referido, estes construtos tendem a ser estudados maioritariamente em amostras forenses e, por isso, é relevante estudá-los na comunidade para compreender a prevalência, manifestação e variações existentes da psicopatia e dos comportamentos antissociais.

Além disso, devemos considerar as potencialidades que a investigação poderá trazer ao nível do desenvolvimento de programas de prevenção adequados. Podemos verificar que existe uma atitude “reativa ao invés de proactiva” (Reidy & Bogen, 2022 p. 624) na sociedade no que consta à psicopatia e aos comportamentos antissociais e isso, poderá justificar a urgência de desenvolver a ciência neste âmbito e criar respostas apropriadas.

Neste âmbito e através das evidências científicas encontradas em estudos prévios, foi possível determinar objetivos para o presente estudo. Os mesmos possibilitaram a formulação de hipóteses que serão respondidas através de análises estatísticas. Assim sendo, é pretendido compreender qual a faceta da psicopatia mais elevada na amostra comunitária comparativamente com as restantes facetas. Também é pretendido explorar a relação das facetas da psicopatia com as variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o estatuto socioeconómico e a qualificação profissional.

Uma vez que nesta amostra não é expectável que existam *scores* elevados relativamente aos comportamentos antissociais, procuramos ainda compreender qual é a relação da psicopatia e dos comportamentos antissociais.

Posto isto, foi possível determinar as seguintes hipóteses:

**H<sub>1</sub>:** Espera-se que não exista uma relação significativa entre os níveis de psicopatia e a presença de comportamentos antissociais na comunidade

**H<sub>2</sub>:** Espera-se que a faceta afetiva e a faceta interpessoal apresentem *scores* mais elevados nesta amostra por comparação com as restantes facetas

**H<sub>3</sub>:** Espera-se que a faceta dos comportamentos antissociais apresente *scores* menos elevados nesta amostra por comparação com as restantes facetas

**H<sub>4</sub>:** Espera-se que indivíduos de nível socioeconómico mais elevado demonstrem *scores* mais elevados de psicopatia em comparação com indivíduos de estatuto socioeconómico médio e baixo

**H<sub>5</sub>:** Espera-se que indivíduos com ocupações profissionais mais qualificadas demonstrem *scores* mais elevados de psicopatia em comparação com indivíduos com ocupações profissionais menos qualificadas

## 4. Método

### 4.1. Amostra

A amostra foi constituída por 1.046 participantes da comunidade (Tabela 1.) e foi selecionada de acordo com os seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 18 anos, ter competências mínimas ao nível da escrita e leitura e compreender a língua portuguesa. Todos os sujeitos que não apresentaram os critérios anteriormente mencionados foram excluídos do presente estudo.

Quanto ao género, a amostra foi composta por 820 (78.4%) participantes do género feminino, 218 (20.8%) do género masculino e 6 (0.6%) não-binários. A maioria da amostra foi composta por indivíduos com nacionalidade Portuguesa (94.3%). A idade mínima registada foi de 18 anos e a máxima de 94, sendo a média de 24,9 anos ( $DP = 8.32$ ).

Quanto ao estado civil, a amostra foi composta por 888 (84.9%), solteiros, 136 (13%) casados/união de facto, 20 (1.9%) divorciados/as e 1 (0.1%) viúvo/a. 640 (61.2%) participantes registaram que se encontravam num relacionamento e 405 (38.7%) não se encontravam num relacionamento.

Relativamente às habilitações literárias, 448 (42.8%) participantes eram licenciados, 382 (36.5%) completaram o ensino secundário, 89 (8.5%) o mestrado, 71 (6.8%) realizam ensino pós-secundário, 26 (2.5%) o terceiro ciclo, 6 (0.6%) o segundo ciclo, 5 (0.5%) o doutoramento e também o primeiro ciclo (0,5%). Quanto à situação profissional, 512 (48.9%) participantes eram estudantes, 272 (26%) estavam empregados, 172 (16.4%) eram trabalhadores-estudantes, 59 (5.6%) estavam em situação de desemprego e 9 (0.9%) eram reformados/as.

O nível socioeconómico mais prevalente foi o médio, com 395 (44.5%) participantes, seguido do estatuto socioeconómico baixo ( $n = 371$ ; 41.8%) e do alto ( $n = 122$ ; 13.7%).

Não existiram dados relativamente às condenações por crimes, havendo 1.015 respostas omissas.

De forma a qualificar a ocupação profissional, foi utilizada a última versão revista do documento “Classificação Portuguesa das Profissões” do Instituto do Emprego e Formação Profissional de forma a assegurar a consistência dos dados mediante as estatísticas e qualificações portuguesas que se encontram divididas em nove grandes

grupos e que englobam quatro níveis de competências (Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010). Posto isto, a organização foi feita com base nas qualificações ou, tal como verificado, no nível de competências que cada profissão poderá exigir, tendo sido qualificadas, na base de dados, como Profissões mais qualificadas (Nível 3 e 4 de profissões dos grupos 1, 2 e 3) e Profissões menos qualificadas (Nível 1 e 2 de profissões dos grupos 4, 5, 6, 7 e 8). (Anexo A.).

Posto isto, a amostra foi composta por 206 (50.1%) participantes com ocupações profissionais mais qualificadas e 205 (49.9%) participantes com ocupações menos qualificadas.

**Tabela 1.**

*Características sociodemográficas da amostra*

<b>Características da amostra</b>	<b><i>n</i></b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	820	78.5%
Masculino	218	20.9%
Não-binário	6	0.6%
<b>Nacionalidade</b>		
Portuguesa	986	97.2%
Outra	28	2.8%
<b>Estado civil</b>		
Solteiro/a	888	85%
Casado/a	136	13%
Divorciado/a	20	1.9%
Viúvo/a	1	0.1%
<b>Relacionamento amoroso</b>		
Sim	640	61.2%
Não	405	38.8%
<b>Habilitações académicas</b>		
Primeiro ciclo (4º ano)	5	0.5%
Segundo ciclo (6º ano)	6	0.6%

Terceiro ciclo (9º ano)	26	2.5%
Secundário (12º ano)	382	37.0%
Pós-secundário	71	6.9%
Licenciatura	448	43.4%
Mestrado	89	8.6%
Doutoramento	5	0.5%
<b>Situação profissional</b>		
Estudante	512	50%
Empregado	272	26.6%
Trabalhador-estudante	172	16.8%
Desempregado	59	5.8%
Reformado	9	0.9%
<b>Estatuto socioeconómico</b>		
Baixo	371	41.8%
Médio	395	44.5%
Alto	122	13.7%
<b>Ocupação Profissional</b>		
Profissões mais qualificadas	206	50.1%
Profissões menos qualificadas	205	49.9%

*Nota.*  $N = 1.046$ .

#### 4.2. Medidas

O questionário sociodemográfico permitiu recolher dados acerca das características de cada indivíduo, nomeadamente, a idade, nacionalidade, o género, o estatuto socioeconómico, ocupação profissional e as habilitações académicas.

A Escala de Autoavaliação da Psicopatia – Versão Breve (SRP-SF) (Hare, 1980; Seara-Cardoso et al., 2019), baseada na Escala de Psicopatia de Hare (PCL-R), é um instrumento de autorrelato composto por 29 itens, organizados numa escala de Likert de cinco pontos sendo a versão breve do instrumento original composto por 64 itens (Hare, 1980; Seara-Cardoso et al., 2019). Este instrumento avalia o construto da psicopatia, e organiza-se em quatro facetas: Interpessoal, Afetiva, Estilo de vida e Antissocial. Cada faceta é composta por sete itens, exceto a faceta antissocial que é

composta por oito itens. Os valores de consistência interna deste instrumento comprovam a sua fiabilidade, sendo os valores do Alpha de Cronbach avaliados de bons a muito bons (Seara-Cardoso et al., 2019).

Por fim, os valores referentes à versão portuguesa também confirmam a confiabilidade da escala (Hare, 1980; Seara-Cardoso et al., 2019). O presente estudo apresenta uma confiabilidade de .87, verificando-se o nível bom da mesma. Além disso, podemos confirmar os valores da consistência interna de cada facetas da psicopatia. Assim sendo, a Faceta Interpessoal apresenta um valor razoável ( $\alpha = .76$ ) assim como a Faceta Afetiva ( $\alpha = .70$ ), a Faceta do Estilo de Vida ( $\alpha = .76$ ) e a Faceta Antissocial ( $\alpha = .71$ ).

O D-CRIM (Basto-Pereira et al., 2015) é um instrumento de autorrelato composto por 12 itens que agregam 12 tipos de comportamentos criminais diferentes (e.g., violência física e verbal, uso da ameaça, homicídio, uso de armas).e incluem comportamentos não violentos e comportamentos violentos. Os mesmos são avaliados mediante a perpetração ao longo da vida e nos últimos 12 meses e são apresentados numa escala de respostas “sim” e “não” (Basto-Pereira et al., 2015). No presente estudo será utilizada a escala relativa aos comportamentos antissociais ocorridos ao longo da vida.

A validação do instrumento D-CRIM (Basto-Pereira et al., 2015) demonstra uma elevada validade convergente e, apesar de não haver dados relativamente à consistência interna, é comprovada a fidedignidade do instrumento. O mesmo se comprova para o presente estudo.

A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 (ERSD-5) (Hays et al., 1989; Pechorro et al., 2018) avalia a tendência dos participantes em dar respostas socialmente desejáveis e expressarem uma imagem mais positiva ou socialmente aceite deles próprios. O instrumento é composto por cinco itens organizados numa escala de Likert de cinco pontos (Totalmente verdadeiro, verdadeiro, nem verdadeiro nem falso e totalmente falso).

A versão original conta com uma confiabilidade de .66 e .68 nas duas amostras estudadas. (Pechorro et al., 2018). Além disso, a escala demonstrou também propriedades psicométricas válidas para o seu uso na população portuguesa, sendo os valores da consistência interna mais elevados que a versão original. Sendo assim, são registados valores bons para a amostra masculina ( $\alpha = .72$ ) e para a amostra feminina

( $\alpha = .71$ ) (Pechorro et al., 2018), a escala total apresenta também valores bons ( $\alpha = .73$ ).

O presente estudo apresenta uma confiabilidade de .57 verificando-se que não atinge o nível pretendido, sendo o mesmo, baixo.

### 4.3. Procedimentos

Inicialmente, o estudo foi submetido para apreciação à Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto da Universidade Lusófona do Porto, tendo obtido aprovação.

A recolha de dados decorreu na modalidade *on-line*, utilizando-se para o efeito a plataforma “*Qualtrics Survey*”. O estudo foi divulgado através das redes sociais (e.g., *Facebook, Instagram, LinkedIn e Twitter*) e através de e-mails pessoais e institucionais para diversos Núcleos e Associações de Estudantes do país, Associações de pais e profissionais de diversas áreas (e.g., área da saúde, gestão, justiça, entre outras).

Inicialmente foram apresentados aos participantes, de forma breve, os objetivos do estudo e explicada a natureza voluntária e confidencial da sua participação, assim como os potenciais riscos associados. Sendo assim, foi colocada informação de forma a que todos os participantes compreendessem os seus direitos.

Em seguida, foi solicitado aos participantes o seu consentimento online para participação no estudo. Os mesmos foram informados acerca da duração do respetivo preenchimento, sendo ela entre 25 a 30 minutos. Não existiu quaisquer tipo recompensas pela participação e em nenhum momento foi pedido qualquer elemento identificativo.

### 4.4. Análise de dados

As informações recolhidas permitiram a construção da base de dados no programa *SPSS V27*, anteriormente elaborada pelas investigadoras e adaptada ao estudo presente.

Para a caracterização da amostra utilizou-se estatística descritiva por recurso a análises descritivas (média, desvio-padrão, mínimo, máximo, frequências e percentagens) para explorar a prevalência de respostas perante as variáveis em estudo e por forma a caracterizar a amostra.

De forma a analisar as hipóteses colocadas, recorreu-se a estatística inferencial. Para o efeito, foram serão realizados testes de Ponto-Bisserial para analisar a intensidade da correlação entre duas variáveis e testes de comparação de grupos para comparar três ou mais grupos independentes onde foi usada a *One-way Anova* e *Two-way Anova*.

## 5. Resultados

Através da análise descritiva dos instrumentos utilizados no presente estudo, podemos verificar que as médias relativas ao instrumento DCRIM são menores ( $M = .93$ ) do que o instrumento original ( $M = 1.68$ ). Além disso, verificamos a prevalência dos comportamentos violentos ( $n = 345$ ;  $M = .44$ ), nomeadamente, no que respeita à violência física ou verbal a um/a familiar, à namorada/esposa e ao uso de ameaças e chantagens, comparativamente aos comportamentos não violentos ( $n = 311$ ;  $M = .50$ ).

No instrumento SRP-SF, que permitiu a avaliação da psicopatia e das suas respetivas facetas, podemos verificar que a média da soma total do instrumento foi de 18.78 que, comparativamente com o instrumento original, encontram-se significativamente superiores ( $M = 45.42$ ). Além disso, a faceta com scores mais elevados foi a faceta estilo de vida ( $M = 19.69$ ), assim como foi a faceta da psicopatia com respostas mais elevadas na escala ( $M = 2.84$ ).

No instrumento ERSD, verificamos um score elevado de desejabilidade social ( $M = 17.15$ ) e com uma média respostas de 3.43 na escala.

### Tabela 2.

*Dados descritivos referentes à média da soma dos instrumentos SRP-SF e ERSD*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
<b>SRP-SF</b>				
Faceta Interpessoal	4	34	18.33	4.28
Faceta Afetiva	4	30	18.11	3.56

	Faceta Estilo de Vida	3	32	19.69	3.92
	Faceta Antissocial	1	30	19.05	2.16
	Total	2	28.50	75.18	2.83
<b>ERSD</b>	Total	8	25	17.15	3.09

**Tabela 3.**

*Dados descritivos referentes à média de respostas*

	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	
<b>DCRIM</b>					
	Comportamentos não violentos	0	5	.44	.750
	Comportamento violentos	0	6	.50	.929
	Total	0	9	.93	1.41
<b>SRP-SF</b>					
	Faceta Interpessoal	1.14	4.86	2.64	.591
	Faceta Afetiva	1.57	4.57	2.60	.491
	Faceta Estilo de Vida	1	3.75	2.84	.539
	Faceta Antissocial	1.57	4.29	2.40	.230
	Total	4	15.75	10.46	1.85
<b>ERSD</b>					
	Total	1.60	5	3.43	.616

Através do teste *One-way Anova*, foi possível analisar as diferenças existentes entre as facetas da psicopatia. Sendo assim, podemos verificar que existem diferenças significativas [ $F_{(2.882; 2014.576)} = 163.204; p < .000$ ]. Da análise dos testes post-hoc de Bonferroni, verificaram-se diferenças significativas entre (a) a faceta interpessoal e a faceta estilo de vida ( $p = .000$ ); (b) a faceta interpessoal e a faceta antissocial ( $p = .000$ ); (c) a faceta antissociais e a faceta afetiva ( $p = .000$ ); (d) a faceta estilo de vida e a faceta antissocial ( $p = 000$ ); (e) e entre a faceta afetiva e a faceta estilo de vida ( $p = .000$ ). Não foram encontradas diferenças significativas entre a faceta interpessoal e a faceta afetiva ( $p = .483$ ).

Em suma, a faceta que demonstrou uma média significativamente superior foi faceta estilo de vida ( $M = 2.84; DP = .53$ ) e a que demonstrou uma média inferior comparativamente às restantes foi a faceta antissocial ( $M = 2.40; DP = .23$ ).

Estes dados encontram-se na tabela 3.

A análise descritiva do instrumento D-CRIM, permitiu perceber que os comportamentos violentos são os mais prevalentes nesta amostra ( $n = 345$ ) comparativamente aos comportamentos não violentos ( $n = 311$ ), porém, devemos ter em consideração que o número elevado de respostas omissas não permite considerar estes resultados como representativos da amostra total. Os dados são apresentados com mais detalhe na tabela 4.

#### **Tabela 4.**

*Dados descritivos dos comportamentos antissociais*

	Ao longo da vida		Nos últimos 12 meses	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Comportamento violento</b>				
Usar de violência para tirar algo que não lhe pertencia	16	2.3%	1	20%
Agredir ou ferir intencionalmente alguém	62	9.6%	3	5.8%
Tratar com violência física ou verbal a sua namorada/esposa	70	10.8%	26	51%
Forçar/obrigar alguém a ter relações sexuais	1	0.1%	0	100%
Matar alguém	3	0.4%	1	100%
Tratar com violência física ou verbal um familiar	123	19%	16	27.6%
Ameaçar ou chantagear alguém	70	10.6%	5	17.2%
<b>Comportamento não violento</b>				
Tirar algo que não lhe pertencia sem que a pessoa visse	117	18.5%	12	1.1%
Conduzir sem carta de condução	113	18%	21	2%
Vender drogas	14	2.1%	2	0.2%
Andar armado/a com pistola, uma faca, navalha ou corrente	36	5.3%	7	0.7%
Danificar ou estragar intencionalmente algo que não lhe pertence	31	4.7%	1	0.1%

Analisada a correlação entre os comportamentos antissociais e a psicopatia, verificou-se que existe uma relação positiva e estatisticamente significativa entre a prática de comportamentos antissociais e a psicopatia,  $r_{pb} = .227$ ,  $p = .000$ .

Recorrendo ao teste *Two-way Anova*, verificamos os resultados provenientes das análises de variâncias que demonstraram a presença de um efeito principal na Faceta Interpessoal [ $F_{(1;284)} = 4.81$ ;  $p = .029$ ]. Tal demonstra que os indivíduos com profissões menos qualificadas revelaram um *score* mais elevado na faceta interpessoal e significativamente superior quando comparados com os indivíduos com profissões mais qualificadas.

Relativamente à faceta do estilo de vida, foi possível verificar que também existiu um efeito significativo através da análise de variâncias [ $F_{(1;285)} = 12.23; p = .001$ ]. Desta forma, esta faceta demonstrou *scores* mais elevados em profissões menos qualificadas do que em profissões mais qualificadas.

A faceta afetiva também demonstrou um efeito principal significativo [ $F_{(1;284)} = 12.71; p = .001$ ] e indicou a existência de *scores* mais elevados nas profissões menos qualificadas do que nas profissões mais qualificadas.

Ao contrário das facetas anteriormente analisadas, a faceta antissocial não demonstrou efeitos significativos, [ $F_{(1;285)} = 0.26; p = 0.61$ ]. Sendo assim, não se verificaram efeitos entre as Profissões e esta faceta, independentemente da qualificação da profissão.

Na tabela 5 podemos verificar estes dados com detalhe.

**Tabela 5.**

*Análise de variâncias entre as Facetas da Psicopatia e a qualificação profissional*

Profissões		<i>M</i>	<i>DP</i>
<b>Mais qualificadas</b>	Faceta Interpessoal	2.49	0.06
	Faceta Afetiva	2.54	0.05
	Faceta Estilo de Vida	2.73	0.05
<b>Menos qualificadas</b>	Faceta Antissocial	2.40	0.03
	Faceta Interpessoal	2.71	0.08
	Faceta Afetiva	2.82	0.06
	Faceta Estilo de Vida	3.04	0.07
	Faceta Antissocial	2.37	0.04
		$F_{interpessoal} = 4.81; p = .029$	
		$F_{Afetiva} = 12.71; p = .001$	
		$F_{EstilodeVida} = 12.23; p = .001$	
		$F_{ComportamentosAntissociais} = 0.26; p = 0.61$	

Através do teste *Two-way Anova* para analisar a forma como os *scores* em cada faceta da psicopatia variam em função do estatuto socioeconómico dos indivíduos, foi possível realizar a análise de variâncias e concluir que na Faceta Interpessoal [ $F_{(2;284)} = 0.20; p = .819$ ], a Faceta do Estilo de vida [ $F_{(2;285)} = 0.13; p = .88$ ], a Faceta dos Comportamentos Antissociais [ $F_{(2;285)} = 0.11; p = .90$ ] e a Faceta Afetiva [ $F_{(1;284)} = 0.66; p = .52$ ] não se verificou um efeito principal do estatuto social, concluindo-se que os níveis de psicopatia não diferem em função do estatuto socioeconómico do indivíduo.

Podemos verificar os dados na tabela 6.

**Tabela 6.**

*Análise de variâncias entre as Facetas da Psicopatia e o Estatuto Socioeconómico*

<b>Estatuto socioeconómico</b>			
<b>Alto</b>	Faceta Interpessoal	2.55	0.05
	Faceta Afetiva	2.75	0.11
	Faceta Estilo de Vida	2.89	0.12
	Faceta Antissocial	2.37	0.06
<b>Médio</b>	Faceta Interpessoal	2.62	0.05
	Faceta do Afetiva	2.66	0.04
	Faceta Estilo de Vida	2.89	0.05
	Faceta Antissocial	2.40	0.02
<b>Baixo</b>	Faceta Interpessoal	2.63	0.13
	Faceta Afetiva	2.63	0.04
	Faceta Estilo de Vida	2.86	0.05
	Faceta Antissocial	2.39	0.02

$$F_{interpessoal} = 0.20; p = .82$$

$$F_{Afetiva} = 0.66; p = .52$$

$$F_{EstiloDeVida} = 0.13; p = .88$$

$$F_{ComportamentosAntissociais} = 0.11; p = .90$$

Da mesma forma, uma vez que não se verificam valores significativos, concluímos que não existem quaisquer efeitos de interação entre a profissão e o estatuto socioeconómico.

**Tabela 7.**

*Efeitos de interação entre a qualificação profissional e o estatuto socioeconómico*

		<i>F</i>	<i>p</i>
	Faceta Interpessoal	.11	.85
<b>Qualificação Profissional e Estatuto Socioeconómico</b>	Faceta Estilo de Vida	.44	.65
	Faceta Antissocial	.70	.50
	Faceta Afetiva	.66	.52

## 6. Discussão dos resultados

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de compreender qual a faceta da psicopatia mais elevada na amostra comunitária comparativamente com as restantes facetas. Também é pretendido explorar a relação das facetas da psicopatia com as variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o estatuto socioeconómico e a qualificação profissional.

Na primeira hipótese definida, era esperado que não existisse uma relação significativa entre os níveis de psicopatia e a presença de comportamentos antissociais em indivíduos da comunidade, porém, após a realização de análises estatísticas, concluímos que esta hipótese não foi aceite e comprova-se, assim, que existe uma relação entre psicopatia e comportamentos antissociais. De facto, segundo a literatura, a psicopatia é entendida como um dos principais preditores do comportamento antissocial em geral e do comportamento violento em particular (Johnson, 2019). Tal podemos verificar com o presente estudo através da prevalência dos crimes perpetrados, sendo eles, os crimes violentos, principalmente os crimes relacionados com a violência física e verbal contra um/a familiar e contra o/a namorado/a.

Apesar deste resultado, foi possível verificar que nenhum dos participantes da amostra referiu ter condenações pela prática de crimes, sendo assim e tal como foi referido da introdução, podemos estar perante alguns indivíduos com características psicopáticas “bem-sucedidas” que conseguem evitar consequências pelos seus comportamentos (Benning et al., 2018 p. 587) mesmo obtendo *scores* significativos nas facetas da psicopatia.

Através das análises estatísticas foi identificada a faceta com *scores* mais elevados nesta amostra comparativamente às restantes facetas. Assim sendo, a faceta com *scores* mais elevados foi a faceta estilo de vida e, de seguida, a faceta afetiva. Desta forma, podemos constatar que a segunda hipótese estabelecida [Espera-se que a faceta afetiva e a faceta interpessoal apresentem *scores* mais elevados nesta amostra] poderá ser parcialmente aceite.

Estes resultados, nomeadamente no que respeita aos *scores* mais elevados na faceta do estilo de vida podem ser compreendidos à luz da média de idades dos participantes da nossa amostra ( $M = 25$ ). Tal como a literatura demonstra, esta idade deve ser concretizada como “adulter emergente” e encontra-se relacionada com mudanças de vida frequentes, como, por exemplo, ao nível das responsabilidades acrescidas (Arnett, 2015 como citado em DeVargas et al., 2020). Sendo assim, podemos considerar que é uma fase de transição entre a adolescência e a adultez (Papalia & Feldman, 2013 p. 453).

Posto isto e tendo em conta os itens que compõem a faceta do estilo de vida, podemos verificar os comportamentos que a integram: Envolvimento em atividades perigosas, rebeldia, relações sexuais com pessoas que mal conhece, impulsividade, raramente segue regras, causar problemas por situações repetidas e prazer em realizar atividades “selvagens”. Sendo assim e segundo a literatura no que atenta ao desenvolvimento humano, podemos analisar que o envolvimento sexual casual é, no meio do adulto emergente e nomeadamente em universitários, cada vez mais comum e normalizado (Papalia & Feldman, 2013 p. 463). Além disso, o envolvimento em atividades sexuais casuais ou no caso, com indivíduos que mal conhecem ou desconhecem totalmente poderá estar relacionado com atitudes autocentradas/egocêntricas e não com a falta de envolvimento ou proximidade interpessoal (James-Kangal et al., 2018). Tendo esta afirmação em consideração,

podemos compreender a forma como a faceta do estilo de vida se manifestou da forma mais evidente comparativamente às facetas afetiva e interpessoal.

A faceta estilo de vida também integra a componente da impulsividade. A mesma pode ser definida como sendo um comportamento ou reação interna e/ou externa que não inclui a consideração de consequências negativas (Moeller et al., 2001 como citado em Marzilli et al., 2021). A mesma tende a estar interligada com o comportamento rebelde, envolvimento com atividades perigosas e dificuldades em seguir regras que, segundo a literatura, poderão estar relacionadas com a falta de vínculo parental, suporte emocional e controlo parental na infância e adolescência (Marzilli et al., 2021). Posto isto, poderão constituir-se fatores de risco para a perpetração deste tipo de comportamentos e, conseqüentemente, ter impacto nas características psicopáticas relacionadas com o estilo de vida.

Além disso, também podemos considerar que a existência de dificuldades no desenvolvimento do sentido de identidade em adultos emergentes, poderá aumentar a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco (Schwartz et al., 2011 como citado em Schwartz & Petrova, 2019).

Através das análises estatísticas também podemos responder à terceira hipótese deste estudo relativa à da faceta antissocial nesta amostra. Posto isto, podemos concluir que esta faceta é que evidencia *scores* mais baixos e também, a que apresenta diferenças significativas relativamente a todas às restantes facetas. Assim sendo, seria expectável que, indivíduos inseridos na comunidade, não apresentassem a prática de comportamentos antissociais atuais ou precoces. Tal como a literatura demonstra, certos comportamentos perpetrados por indivíduos da comunidade poderão estar interligados a condutas meramente incumpridora de padrões éticos, mas não de padrões considerados ilegais e/ou criminosos (Hare, 1993).

Relativamente à quarta hipótese, podemos constatar que não foi confirmada, uma vez que, tal como demonstram os resultados, não foram encontradas diferenças significativas entre as facetas da psicopatia relativamente ao estatuto socioeconómico, concluindo-se assim, que o nível de cada faceta não se altera mediante o estatuto socioeconómico do indivíduo. Assim sendo, e tal como a literatura demonstra, este resultado poderá, mais uma vez, estar relacionado a alterações sociológicas registadas nos últimos anos, revelando-se que o estatuto socioeconómico é um construto que revela falta de consenso, nomeadamente no que consta à sua divisão por classes

(Manstead, 2018). Além disso, é necessário ter em conta que a amostra foi constituída sobretudo por indivíduos de estatuto socioeconómico baixo e médio.

Por último, a quinta hipótese, relativa à qualificação profissional e aos *scores* da psicopatia, não foi confirmada uma vez que a grande parte das facetas (e.g., interpessoal, estilo de vida e afetiva) regista *scores* mais elevados nas profissões menos qualificadas do que nas profissões mais qualificadas. Sendo assim, a faceta antissocial apenas demonstra *scores* mais elevados nas profissões mais qualificadas.

O facto das facetas serem significativamente mais elevadas em profissões menos qualificadas poderá estar relacionado com os fatores de risco como as condições laborais mais precárias. Além disso, podemos verificar, segundo a literatura, que indivíduos que integram um estatuto social mais elevado podem ter mais fatores de proteção e oportunidades que indivíduos de estatuto social mais baixo. Por outro lado, o *background* familiar é mencionado em diversas investigações como sendo um dos fatores mais importantes tanto para o desenvolvimento da psicopatia como para a perpetração de crimes. O próprio estatuto social familiar poderá predizer a probabilidade deste desenvolvimento, sendo que, podemos verificar que jovens de famílias de estatuto social baixo poderão desenvolver estes comportamentos futuros a partir da sua adolescência (Farrington & Bergstrom, 2018 p. 367). Além disso, existem outros fatores de risco associados como o abuso infantil, o ambiente familiar adverso, a falta de vínculo nas relações pais-filho/a e a falta de supervisão. (Farrington & Bergstrom, 2018 p. 358).

Os resultados do presente estudo vão de encontro ao estudo de DeMatteo et al., (2020), que estudou a psicopatia numa amostra de indivíduos não institucionalizados, verificando a existência de *scores* significativos nas facetas da psicopatia em indivíduos que não revelam envolvimento com o sistema de justiça. Além disso, a investigação de DeMatteo et al (2020), comprovou que a faceta da psicopatia que registou *scores* menos elevados comparativamente às restantes facetas foi a faceta antissocial, tal como o presente estudo.

Outro estudo com resultados parcialmente idênticos ao presente estudo foi a investigação de Declercq et al., (2015) que, numa amostra da comunidade composta somente por indivíduos do género feminino, concluiu que os *scores* mais elevados foram os relativos à faceta do estilo de vida (e à faceta interpessoal).

Apesar de tudo, também foi possível compreender as limitações do presente estudo.

Apesar de serem reconhecidas as diversas vantagens que um estudo realizado em formato *on-line* poderá ter (e.g., baixo custo, rapidez, anonimato) devemos constatar que o mesmo poderá também apresentar um conjunto de limitações (e.g., número de respostas omissas, diferenças na interpretação de cada pergunta, entre outros). No caso do presente estudo, podemos refletir acerca do número de respostas omissas. Uma vez que existe uma maior facilidade de abandonar o estudo a qualquer momento (tendo em conta que é um direito do participante independentemente do formato), é possível que, uma grande parte dos participantes, não tenha preenchido o formulário até ao fim.

Outra das limitações consideradas foi a utilização de instrumentos de autorrelato. Apesar de serem comprovados os benefícios da utilização deste tipo de instrumentos como, por exemplo o facto de serem mais breves e apelativos para os participantes (Pechorro et al., 2018), não é consensual que este tipo de instrumentos seja apropriado para avaliar qualquer construto, nomeadamente os traços antissociais (Vasconcellos et al., 2018). Vários estudos defendem que a utilização deste tipo de instrumentos poderá aumentar a desejabilidade social e, desta forma, comprometer a confiabilidade dos resultados e do próprio estudo (Kreitchmann et al., 2018). No presente estudo, de forma a mitigar e a compreender este risco, utilizamos o instrumento ERSD-5 e concluímos que níveis de desejabilidade social na amostra foram elevados ( $M = 17.15$ ).

Outra limitação consiste nas discrepâncias da amostra relativamente aos géneros. Vários estudos demonstram a prevalência da psicopatia no género masculino (Laskey & Bates, 2018), porém, em termos de amostra, verificamos a tendência do género feminino em colaborar mais em investigações e estudos do que o género masculino, incluindo no presente estudo. Isso poderá criar limitações quando é feita a leitura da prevalência da psicopatia nos géneros. Relativamente a não-binário, podemos constatar que não existem muitos estudos que considerem a identidade não binária, sugerindo também, que seja feita investigação acerca da psicopatia e dos comportamentos antissociais mais inclusiva neste sentido.

Considerando a amostra e tendo em conta que uma das hipóteses estudou a variância do estatuto socioeconómico alto perante os *scores* obtidos nas facetas da psicopatia, uma das limitações foi a discrepância representativa, ainda que esperada, entre o estatuto socioeconómico alto ( $N = 122$ ), o médio ( $N = 395$ ) e o baixo ( $N = 371$ ).

Esta investigação não possibilitou uma análise específica dos cargos de elevado estatuto social porque foi maioritariamente composta por profissões relacionadas com

atividades intelectuais e científicas que, apesar de serem profissões qualificadas, não agregam órgãos políticos e executivos nem diretores e gestões executivos, que, segundo a Classificação Portuguesa das Profissões, são os cargos mais qualificados e, predominantemente, de estatuto social mais elevado. Apesar de tudo e a título de sugestão, seria interessante desenvolver estudos que especificassem este estatuto, nomeadamente cargos políticos, políticas conservadoras e a sua relação com a psicopatia na comunidade. Esta sugestão parte da literatura que comprova que políticas conservadoras que enverguem o racismo, misoginia e homofobia e outras problemáticas, poderão estar correlacionadas com níveis de psicopatia significativos dos candidatos políticos (Preston & Anestis, 2018). Uma vez que a comunidade, enquanto ecologia da sociedade e com o direito de exercer o voto, poderá apresentar níveis significativos de Psicopatia, tenderá a seguir essas mesmas políticas e a ter as mesmas crenças conservadoras, mesmo sendo políticas que causaram dano ao próprio e, principalmente, a terceiros.

Relativamente às potencialidades futuras, podemos identificá-las na investigação e também a possíveis planos de intervenção.

No plano interventivo, podemos verificar que existe uma atitude bastante punitiva face a indivíduos com características psicopáticas, e, assim sendo, sugerimos que a investigação científica seja usada no âmbito da criação de planos de prevenção na comunidade (Reidy & Bogen, 2022). O presente estudo poderá potenciar esta intervenção porque podemos compreender as áreas específicas de maior necessidade (e.g., estilo de vida, comportamento sexual, entre outros) e qual é a população onde, primariamente, deverão ser implementados os programas (e.g., adultos e emergentes e fases anteriores como a adolescência). Além disso, tal como a literatura demonstra, a grande parte das intervenções desenvolvidas tende a ter como objetivo principal a “redução do comportamento impulsivo e antissocial” (Polaschek & Skeem et al., 2018 p. 726). Assim sendo, concluímos que a grande parte dos programas interventivos tende a intervir no comportamento criminal em geral e não especificamente nas diferentes características psicopáticas (Moreira et al., 2014).

Quanto à implicação prática tendo em conta os resultados do presente estudo, consideramos que a intervenção deverá ser feita tendo em conta facetas que revelam *scores* mais elevados nos indivíduos da comunidade, pois, tal como podemos verificar,

faria sentido desenvolver e intervir nos comportamentos presentes noutras facetas da psicopatia, nomeadamente do estilo de vida.

Além disso, também consideramos que os resultados apresentados e discutidos, poderão suportar o desenvolvimento de novos estudos em diferentes populações, uma vez que a maioria da investigação se foca na América do Norte e não são conhecidos estudos que comparam os resultados provenientes entre culturas e países (Fanti et al., 2018 como citado em Seara-Cardoso et al., 2020).

Em conclusão, é importante ressaltar a transversalidade que o construto da psicopatia deve ter e, assim sendo, podemos concluir que a psicopatia poderá estar presente em qualquer género, cultura, etnia, setor social e classe (Babiak et al., 2012). Desta forma, conseguimos compreender o porquê de ser necessário continuar a estudar a psicopatia na comunidade, ressaltando, mais uma vez, a pertinência do presente estudo.

## Referências Bibliográficas

- Almiro, P. A., & Simões, M. R. (2021). Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R): Estudo Normativo da Versão Portuguesa. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 58(1).  
<https://doi.org/10.21865/ridep58.1.13>
- Babiak, P., Folino, J., Hancock, J., Hare, R. D., Logan, M., Mayer, E. L., Meloy, J. R., Häkkänen-Nyholm, H., O’Toole, M. E., Pinizzotto, A., Porter, S., Smith, S., & Woodworth, M. (2012). Psychopathy: An Important Forensic Concept for the 21st Century. In J. E. Ott (Ed.), *FBI Law Enforcement Bulletin* (7th ed., pp. 3–8). Federal Bureau of Investigation.
- Babiak, P., & Hare, R. D. (2006). *Snakes in suits: When psychopaths go to work*. Regan Books/Harper Collins Publishers.
- Babiak, P., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2010). Corporate psychopathy: Talking the walk. *Behavioral Sciences and the Law*, 28(2), 174–193.  
<https://doi.org/10.1002/bsl.925>
- Boccio, C. M., & Beaver, K. M. (2018). Psychopathic Personality Traits and the Successful Criminal. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(15), 4834–4853. <https://doi.org/10.1177/0306624X18787304>
- Benning, S. D., Venables, N. C., & Hall, J. R. (2018). Successful Psychopathy. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (2nd ed., pp. 585–608). The Guilford Press.
- Boduszek, D., Debowska, A., Sherretts, N., Willmott, D., Boulton, M., Kielkiewicz, K., Popiolek, K., & Hyland, P. (2019). Are Prisoners More Psychopathic than Non-forensic Populations? Profiling Psychopathic Traits among Prisoners, Community Adults, University Students, and Adolescents. *Deviant Behavior ISSN:*, 1–13.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.1080/01639625.2019.1665221>
- Bronchain, J., Chabrol, H., & Raynal, P. (2021). Adaptive psychopathic traits: Positive outcomes in a college student sample. *Current Psychology*, 40(10), 4997–5004.  
<https://doi.org/10.1007/s12144-019-00434-3>
- Bronchain, J., Raynal, P., & Chabrol, H. (2019). The network structure of psychopathic personality traits in a non-institutionalized sample. *Personality and Individual Differences*, 146(December 2018), 41–45. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.03.044>
- Cunha, O., Braga, T., & Gonçalves, R. A. (2021). Psychopathy and Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP1720-1738NP.

- <https://doi.org/10.1177/0886260518754870>
- DeMatteo, D., Heilbrun, K., & Marczyk, G. (2006). An empirical investigation of psychopathy in a noninstitutionalized and noncriminal sample. *Behavioral Sciences and the Law*, *24*(2), 133–146. <https://doi.org/10.1002/bsl.667>
- DeVargas, E. C., & Stormshak, E. A. (2020). Motivational Interviewing Skills as Predictors of Change in Emerging Adult Risk Behavior. *Professional Psychology: Research and Practice*, *51*(1), 16–24. <https://doi.org/10.1037/pro0000270>
- Gonçalves, R. A., & Cunha, O. (2017). Escala de Psicopatia de Hare - Versão Revista (PCL-R). In PACTOR (Ed.), *Psicologia Forense - Instrumentos de Avaliação* (1ª edição, pp. 25–41). PACTOR.
- Hare, R. D. (2021). *The PCL-R Assessment of Psychopathy Psychopathy Is Psychopathy a Disorder ? I*, 63–106.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, *4*(May 2014), 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2010). The role of antisociality in the psychopathy construct: Comment on skeem and cooke (2010). *Psychological Assessment*, *22*(2), 446–454. <https://doi.org/10.1037/a0013635>
- Hare, R. D. (1993). *Without Conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. The Guilford Press.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (2010), *Classificação Portuguesa das Profissões*
- James-Kangal, N., Weitbrecht, E. M., Francis, T. E., & Whitton, S. W. (2018). Hooking Up and Emerging Adults' Relationship Attitudes and Expectations. *Sexuality and Culture*, *22*(3), 706–723. <https://doi.org/10.1007/s12119-018-9495-5>
- Kreitchmann, R. S., Abad, F. J., Ponsoda, V., Nieto, M. D., & Morillo, D. (2019). Controlling for Response Biases in Self-Report Scales: Forced-Choice vs. Psychometric Modeling of Likert Items. *Frontiers in Psychology*, *10*(October), 1–12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02309>
- Laskey, P., & Bates, E. A. (2018). *Investigating gender differences in psychopathy using a non-clinical sample: Exploring the impact of empathy, anxiety and self-control*. 148–191. <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0093854807300758>

- Leistedt, S. J., & Linkowski, P. (2014). Psychopathy and the Cinema: Fact or Fiction? *Journal of Forensic Sciences*, *59*(1), 167–174. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.12359>
- Lilienfeld, S. O., Watts, A. L., & Smith, S. F. (2015). Successful Psychopathy: A Scientific Status Report. *Current Directions in Psychological Science*, *24*(4), 298–303. <https://doi.org/10.1177/0963721415580297>
- Mahmut, M. K., Homewood, J., & Stevenson, R. J. (2008). The characteristics of non-criminals with high psychopathy traits: Are they similar to criminal psychopaths? *Journal of Research in Personality*, *42*(3), 679–692. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.09.002>
- Marzilli, E., Cerniglia, L., & Cimino, S. (2021). Antisocial Personality Problems in Emerging Adulthood: The Role of Family Functioning, Impulsivity, and Empathy. *Brain Sciences*, *11*(687), 1–15. <https://doi.org/doi.org/10.3390/brainsci11060687>
- Mathieu, C., Neumann, C. S., Hare, R. D., & Babiak, P. (2014). A dark side of leadership: Corporate psychopathy and its influence on employee well-being and job satisfaction. *Personality and Individual Differences*, *59*(April 2018), 83–88. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.11.010>
- Moreira, D., Almeida, F., Pinto, M., & Fávero, M. (2014). Psychopathy: A comprehensive review of its assessment and intervention. *Aggression and Violent Behavior*, *19*(3), 191–195. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.04.008>
- Neumann, C. S., Hare, R. D., & Pardini, D. A. (2014). Antisociality and the Construct of Psychopathy: Data From Across the Globe. *Journal of Personality*, *83*(6), 678–692. <https://doi.org/10.1111/jopy.12127>
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento Humano. In *Desenvolvimento Humano* (12<sup>a</sup>)
- Persson, B. N., & Lilienfeld, S. O. (2019). Social status as one key indicator of successful psychopathy: An initial empirical investigation. *Personality and Individual Differences*, *141*(October 2018), 209–217. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.020>
- Polaschek, D. L. L. (2015). (Mis) understanding Psychopathy : Consequences for Policy and Practice. *Psychiatry, Psychology and Law*, *22*(4), 500–519. <http://dx.doi.org/10.1080/13218719.2014.960033>
- Polaschek, D. L. L., & Skeem, J. L. (2018). Treatment of Adults and Juveniles with Psychopathy. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (2nd ed., pp. 710–731).

The Guilford Press.

- Preston, O. C., & Anestis, J. C. (2018). Psychopathic traits and politics: Examining affiliation, support of political issues, and the role of empathy. *Personality and Individual Differences, 131*(June 2017), 142–148.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.04.034>
- Rahman, M. S. (2012). The mask of sanity. In *BMJ (Online)* (Vol. 344, Issue 7854).  
<https://doi.org/10.1136/bmj.e2701>
- Reidy, D. E., & Bogen, K. W. (2022). Public Health Considerations in Psychopathy. *The Complexity of Psychopathy, Dangerous Behavior in Clinical and Forensic Psychology, March*, 611–635. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-83156-1\\_22](https://doi.org/10.1007/978-3-030-83156-1_22)
- Schwartz, S. J., & Petrova, M. (2019). Prevention Science in Emerging Adulthood: a Field Coming of Age. In *Prevention Science* (Vol. 20, Issue 3, pp. 305–309). Prevention Science. <https://doi.org/10.1007/s11121-019-0975-0>
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2020). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment, 102*(4), 457–468. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Sutton, A., Roche, M., Stapleton, M., & Roemer, A. (2020). Can psychopathy be adaptive at work? Development and application of a work focused self-and other-report measure of the triarchic psychopathy model. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(11). <https://doi.org/10.3390/ijerph17113938>
- Vasconcellos, S. J. L., Pozzobon, F. A., Rocha da Cas, A., Moraes, O. F., Mayer da Rocha, A., & Ferraz, R. C. (2018). Instrumentos de Autorrelato para Avaliar Traços Antissociais Medem o que Objetivam Medir? *Avaliação Psicológica, 17*(2), 163–169.  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1702.13264.01>
- Widom, C. S. (1977). A methodology for studying noninstitutionalized psychopaths. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 45*, 674–683.

## **Anexos**

**Anexo A.***Quantificação das ocupações profissionais\**

<b>Profissão/qualificações)</b>	<b>Nível de competências</b>
<p><b>Profissões mais qualificadas</b></p> <p>Execução de tarefas técnicas e práticas complexas como preparação de estimativas de quantidades, custos de materiais e mão-de-obra para projetos, coordenação e supervisão de outros trabalhadores e execução de funções técnicas de apoio.</p> <p>Execução de tarefas de resolução de problemas complexos e a investigação de vários domínios, diagnóstico e tratamento de doenças, conceção de máquinas e de estruturas.</p> <p>Exemplos: Especialistas das atividades intelectuais e científicas e representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos</p>	<p><b>Nível 4</b> (Primeira etapa do ensino superior, A e segunda etapa do Ensino superior)</p> <p><b>Nível 3</b> (Primeira etapa do ensino superior, B)</p>
<p><b>Profissões menos qualificadas</b></p> <p>Execução de tarefas simples e de rotina física ou manual</p> <p>Execução de tarefas relacionadas com a operação de máquinas e equipamento elétrico, condução de veículos, manutenção, reparação de equipamentos e tratamento e arquivo de informação.</p> <p>Exemplos: Operadores de instalações e máquinas, trabalhadores da montagem, agricultores, trabalhadores dos serviços pessoais</p>	<p><b>Nível 2</b> (Ensino pós-secundário não superior, Ensino Secundário e Segunda etapa do ensino básico)</p> <p><b>Nível 1</b> (Primeira etapa do ensino básico)</p>

\*Instituto do Emprego e Formação Profissional (2010).